

Primusinter (ím)pares - análise da presença dos académicos nos plateaux informativos da TV portuguesa¹

Primus inter (im)pares - an analysis on the presence of academic scholars in the news plateaux of portuguese TV

Felisbela Lopes*, Luís Miguel Loureiro**, Ivo Neto***

*Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal

**Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal

***Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal

Resumo

Os académicos estão a tornar-se uma presença cada vez mais visível nos *plateaux* informativos da TV portuguesa. Não são um grupo muito diversificado. Pelo contrário. Apresentam-se como uma confraria que é oriunda das universidades de Lisboa e pertence a um reduzido número de campos de saberes. Aos *plateaux* televisivos portugueses dificilmente chegará o *fazer-ciência* concreto. O que chega são alguns dos seus actores, o que não significa que o consigam por um efeito de reconhecimento *inter pares*, mas, antes, por um efeito de verdadeiras *imparidades*: porque já adquiriram suficiente capital simbólico em zonas exteriores ao campo científico. Zonas mais limítrofes, como o campo institucional-académico, ou zonas mais afastadas, como o campo comunicacional.

Palavras-chave: televisão, informação televisiva, convidados, professores/investigadores, confraria dosplateaux, espaço público, comunicação da ciência

Abstract

Scholars are earning an increased presence in the news studios of Portuguese TV. We are not talking of a wide variety of them, though, but of a small *brotherhood* instead. Our research shows that we are actually facing a quite exclusive group mainly hailing from the Lisbon universities and institutes, and representing a limited number of fields of knowledge. This also means that the actual *doing-science* of the country's research institutions hardly gets to the TV studios. At most, a small amount of its actors, not related or due to a direct effect of an *inter pares* recognition, but through an effect of true *impairments* - i.e. because of a previously earned individual symbolic capital in areas exterior to their own specific scientific fields. We both mean bordering areas of the scientific field, such as the correspondent institutional-academic field, but also more distant areas such as the communicational field.

Keywords: television, television news, TV guests, academics and researchers, television studio brotherhood, public sphere, science communication

¹ Artigo escrito no âmbito do projecto "jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital" (FCT PTDC/CCI-JOR/099994/2008).

1- Uma TV explicativa à procura de um lugar num novo ecossistema informativo Hoje a informação televisiva quer-se veloz, mas também suficientemente distanciada daquilo que noticia para ser capaz de acrescentar qualquer coisa à actualidade noticiosa que vai sendo construída em permanência pelos diversos media. Deve criar com os diferentes públicos uma ligação contratual assente em cláusulas de credibilidade e em critérios de qualidade, mas sem esquecer estratégias de captação de audiências que retenham os telespectadores presos às emissões, não podendo naturalmente esquecer que, em televisão, a forma também é conteúdo. A par de anunciarem aquilo que acontece ("fazer saber"), os conteúdos informativos de um canal generalista ou temático devem também explicá-los ("fazer crer"), podendo essa explicação assumir diferentes modalidades, se seguirmos aqui as propostas de Patrick Charaudeau (1997: 190-194)

* "*Problematizar*" causas ou consequências, deixando em aberto algumas questões e possibilitando ao telespectador a liberdade para formular os respectivos juízos de valor;

* "*Elucidar*" significados latentes, indo ao encontro da referencialidade escorrida, por vezes imperceptivelmente, nos planos velozes e no texto de uma notícia;

* "*Avaliar*" o que aconteceu/acontecerá, reforçando aí o lado subjectivo daquilo que é proferido.

Não será fácil esta tarefa que têm os jornalistas de encontrarem interlocutores capazes de descodificar, através de diferentes modalidades discursivas, a actualidade noticiosa em meio televisivo. Já nos anos 90, Pierre Bourdieu (1997: 24-25) defendia que a TV apenas tem espaço para os "*fastthinkers*", ou seja, para aqueles que "*pensam por ideias feitas*", proporcionando uma informação nula, pois – seguindo o pensamento do sociólogo francês – "*quando as recebemos, já as tínhamos recebido, de tal maneira que o problema da recepção não chega a pôr-se*." Paul Weaver (1975/1993: 299) vai ao ponto de afirmar que a informação televisiva "*é muito mais monolítica do que a dos jornais*". O discurso visual que a domina, ao visar alcançar o efeito de real, dificulta qualquer tentativa explicativa da realidade. Num ensaio em que diz tratar de algo próximo daquilo "*a que os historiadores chamam mentalidades*" (2005: 141), José Gil deixa notas impressivas sobre a informação mediática que se desenvolve em Portugal muito próximas daquelas fixadas por Bourdieu. Assegurando que o direito à palavra mediática se circunscreve a um grupo restrito, afirma: "*Somos os melhores exemplos europeus de arcaicos pós-modernos. Longe de criar uma zona de respiração e um fora, os media amplificaram a comunicação social para novamente a fechar*" (2005: 33). Convém, porém, lembrar que a informação não é difundida apenas para ser recebida, mas também para ser interpretada e que, por ser "*altamente deteriorável*", exige alguma reflexão.

Movimentando-se num ambiente de crescente convergência tecnológica, a TV que ambiciona explicar o mundo em que vivemos situa-se num meio de exigentes paradoxos. Nesta passagem para o universo digital, há uma panóplia de tecnologia que cria múltiplas portas de entrada para a participação do

telespectador, proporcionando novas agendas noticiosas, outros ângulos de leitura dos acontecimentos, diferentes vozes para ajudar a explicar aquilo que acontece. Mas como gerir tamanho universo de possibilidades? Com tantas portas abertas, como controlar todo o tráfego de informação que circula? Será que uma TV que abre múltiplos canais de participação será mais explicativa? Não forçosamente, mas reúne potencial para que assim seja. Desenvolvendo aquilo a que alguns chamam "jornalismo líquido" (Deuze, 2006), ou seja, um jornalismo que trabalha ao serviço de uma sociedade em rede, respeitando os direitos de cada cidadão-consumidor que produz e consome informação, os jornalistas precisam de chamar a si mais conhecimentos sobre múltiplas realidades, procurando em permanência promover conteúdos de interesse público. Diz Lluís Pastor considera que o "jornalista zumbi" do século XXI deve dar lugar a um "jornalista mutante", atento a todas as alterações intrínsecas e extrínsecas ao campo em que trabalha.

No entanto, convém não esquecer que hoje a televisão se encontra, mais do que nunca, curvada a um paradigma económico que procura, em tempos de crise, a rentabilidade a todo o custo. Neste contexto, como sublinha Daniel Innerarity (2006:16), "o acontecimento está acima do argumento, o espectáculo acima do debate, a dramaturgia acima da comunicação, a imagem acima da palavra". Nesta nova ordem mediática, "a esfera pública fica reduzida a um conjunto de 'espectáculos de aclamação'" (Innerarity, 2006: 16), encenados por convidados com notoriedade pública que, pela presença constante nos *plateaux*, rapidamente se convertem em celebridades mediáticas, reunindo um capital simbólico que resulta da visibilidade que a TV lhes proporciona. Tornam-se conhecidos, porque aparecem na TV; aparecem na TV, porque são conhecidos. Reúnem assim uma "forte componente simbólica", essencial para os fazer ascender ao estatuto de "celebridades" (Conutt, 2009). Ora, estes imperativos são frequentemente avessos a um perfil de convidados detentores de um saber especializado, como é o caso dos académicos. Não é fácil encontrar nas universidades especialistas bem treinados na palavra mediática e disponíveis para se curvarem aos ritmos velozes da televisão. Acresce a isto o facto de um professor universitário reclamar por regra um discurso articulado que exige tempo e complexidade de raciocínio, duas exigências que não cabem na actual televisão informativa que persegue intervenções rápidas, expressivas e musculadas.

Diversos trabalhos salientam a importância das competências técnicas das fontes especializadas, podendo a sua presença ser um traço distintivo da qualidade do jornalismo que se promove (McAllister, 1992; Tanner, 2004). Apesar dos actores ligados a campos especializados estarem mais disponíveis para falar com os jornalistas e de as diversas instituições revelarem uma preocupação crescente com a comunicação mediática, nem sempre os jornalistas têm facilidade em estabelecer contacto. Porque as fontes de informação não seguem os ritmos (velozes) dos media (Moreno Espinosa, 2010); porque os jornalistas nem sempre têm uma agenda alargada de contactos que lhes permita conhecer a pessoa mais habilitada para falar do assunto a tratar... Encontrar as fontes certas pode constituir uma tarefa árdua, como refere

Hodgettset *al.a* propósito de assuntos de saúde (2008). É devido à dificuldade em alargar a agenda de contactos, nomeadamente em assuntos especializados, que encontramos no jornalismo uma tendência em recorrer sempre às mesmas fontes de informação.

2 -Par ou ímpar? Academia e espaço público

A emergência da academia às esferas da discussão pública é um dado que pode ser incontrovertidamente tomado como intrínseco à sua própria natureza: a noção de academia inscreve-se no *sonho moderno* de um *locus* constitutivo para a universalização do conhecimento e para a universalização da transmissão do conhecimento, a *universidade* (Martins, 2011: 145). Assim, do *fazer-ciência* dos modernos fez sempre parte uma noção lata de *interesse público*, ancorada, precisamente, nesse sonho de universalidade.

O que nos ocupa a presente reflexão é, contudo, a constatação de que, na contemporaneidade, o *fazer-ciência* dos modernos já não se basta. Isto é, já não é mais suficiente o facto de esse *fazer-ciência* ter, pelo método, de voltar ao *locus* colectivo de origem, à academia, onde se dá à verificação e ao escrutínio dos *pares*, para se oferecer, depois, como conhecimento universal. Tem, igualmente, de se *abrir* cada vez mais aos *ímpares*, pressupondo invariavelmente um *comunicar-ciência* que, como veremos, comporta riscos diversos. É precisamente neste momento que o aparente incontrovertido do problema esbarra em todas as controvérsias que envolvem a infundável discussão do *espaço público*. Cruzar *academia* e *espaço público* numa abordagem teórica significa, pois, a necessidade de convocar um conjunto amplo de problemáticas e conceitos, sem os quais o debate se torna dificilmente realizável.

Uma primeira fase terá de se centrar na própria *academia*, isto é, na descrição e compreensão das tensões nos campos científico e institucional. Como deixámos sugerido no ponto anterior, entendemos que de pouco valerá uma pesquisa das dinâmicas comunicacionais de emergência da academia e dos seus agentes às esferas públicas se essa emergência não for compreendida no que significa de evolução do próprio *jogo* que se joga, em permanência, nos *campos sociais* específicos dos agentes envolvidos. Ou seja: a emergência da academia e dos seus jogadores às esferas públicas necessita de ser lida no seio de um jogo cujos lances têm causas e efeitos, que se reflectem, antes de mais, nas dinâmicas dos campos que compõem a noção de academia como espaço social.

O quadro teórico que aqui nos serve de referência é o do *campo social* de Bourdieu (1994: 152-164). Fazendo parte das suas preocupações em inúmeras ocasiões, e emergindo em várias publicações, foi em *Para Uma Sociologia da Ciência*, obra resultante das lições que deu no Collège de France entre 2000 e 2001, e a última que publicou em vida, que o sociólogo francês mais se dedicou ao tema específico do campo científico, aplicando a este a sua análise. Escrevendo que o conhecimento "*assenta, não na evidência*

subjectiva de um indivíduo isolado, mas na experiência colectiva, regulada por normas de comunicação e argumentação" (2008: 102), Bourdieu funda os processos de produção de ciência na *intersubjectividade* e, aí, no *reconhecimento* que transforma o *facto* em *facto científico*, homologando-o a partir de um acordo racional. No seu âmago, Bourdieu parece descrever a produção de ciência a partir de uma zona de intersecções e tensões próxima da que Habermas descreve para os processos racionais de acção comunicativa, orientados para o entendimento. De facto, tal como emerge em Habermas a noção, que o próprio filósofo alemão reconhecerá como problemática, ao questionar o espaço público contemporâneo (Habermas, 1997: 105-106), de um meta-sujeito colectivo de acção racional, o *sujeito da ciência* é, em Bourdieu, o próprio campo científico (2008: 99).

No entanto, a descrição do campo científico como *campo social* está longe de assumir uma reificação neutra ou anódina, indiferente aos lances e efeitos do *jogo* que se desenvolve no seu seio. O *reconhecimento dos pares*, necessário à consumação do *facto científico* reverte-se, igualmente, como *reconhecimento* para o autor, individual (cientista) ou colectivo (grupo de cientistas), resultando daí um incremento do seu *capital simbólico* no campo científico de que é participante. Sucede, porém, que este capital acumulado não se limita a ser o mero resultado de um jogo apenas fundado nas regras da objectividade intersubjectiva e da ciência como "*construção que faz emergir uma descoberta irreductível à construção e às condições sociais que a tornaram possível*" (Bourdieu, 2008: 107). Relaciona-se, igualmente, com um conjunto de outras condições, nem todas dependentes das regras específicas, metodológicas do jogo de produção de ciência². O campo científico será, assim, o produto dinâmico dos vários jogos que nele se cruzam e desenvolvem: desde logo, os jogos de poder e influência no seio do campo institucional que lhe é correlato, o campo académico.

Não será, de facto, difícil reconhecer que, na contemporaneidade, o campo científico está exposto a um conjunto de condicionamentos externos, alguns deles relativamente recentes, geradores de tensões que interferem com o seu funcionamento. Nas últimas décadas assistiu-se mesmo ao que podemos descrever como uma instabilização geral.

Em 1969, no diagnóstico introdutório a *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault descreve a dificuldade em *pensar a descontinuidade*, a partir do momento em que "*cada um tem as suas rupturas específicas, cada um comporta um recorte que só a ele pertence*" (2005: 29), denunciando, assim, uma instabilidade dos conceitos fundamentais da ciência moderna, com o abalo dos alicerces de um cartesianismo científico secularmente fundado na separação entre sujeito e objecto. Trinta anos após, Pierre Bourdieu considerará que o problema já ultrapassara, entretanto, as fricções e rupturas pós-modernas. Deixara de estar apenas numa ciência que se debatia *internamente* com a multiplicação dos pontos de vista, para passar a jogar-se,

²Em *Raisons Pratiques*, Pierre Bourdieu (1994: 71) descreve o funcionamento do campo literário de acordo com um conjunto de premissas que inspiram a presente aplicação do seu pensamento ao funcionamento do campo científico.

externamente, na própria sobrevivência de uma ciência *desinteressada*. Ou seja, diríamos que a preocupação de Bourdieu se transfere das *imparidades internas*, detectadas por Foucault, de um campo científico a braços com a dificuldade de formação da objectividade *inter pares*, para um outro nível de *imparidades*: o da relação tensional e conflituosa entre o campo científico e os campos *externos* com os quais passou a ter relações de interdependência, nomeadamente, os campos institucionais, políticos e comunicacionais sobre os quais a ciência se configura, ou integra, de modos diversos, o debate público. Dessas tensões e dependências emergiram, entretanto, constrangimentos, como "*a submissão aos interesses económicos e às seduções mediáticas*" que passaram a colocar a ciência "*em perigo*", tornando-a "*perigosa*" (Bourdieu, 2008: 7).

São, de facto, múltiplas as demonstrações recentes de um aumento da preocupação, no campo científico, com aspectos *externos* ao *fazer-ciência* dos modernos, como a chamada *comunicação da ciência*, e com o aperfeiçoamento institucional das suas estratégias (Ruão, 2008: vi)³, quer as que se referem intrinsecamente à divulgação do trabalho científico no seio de um campo científico alargado, no qual os *pares* passam a estar em qualquer parte do mundo quer, especialmente, à sua *comunicação para o exterior* (Bettencourt-Dias *et al.*, 2004: 89-111), isto é, à sua comunicação aos *ímpares*.

Os sinais de uma ligação causal, economicamente constrangedora, estabelecida de fora para dentro do campo científico, entre *comunicar-ciência* e *fazer-ciência*, já se vêm tornando evidentes há pelo menos duas décadas. Em países como o Reino Unido, nos anos 90, entidades públicas de supervisão, como o Office of Science and Technology, começaram a lavrar recomendações expressas aos conselhos científicos das instituições de investigação referindo, por exemplo, que "*as candidaturas a financiamentos deveriam descrever o modo como os investigadores iriam comunicar o seu trabalho e as suas implicações para o público*", que "*os relatórios deveriam esclarecer como foi feita a comunicação ao público*" e, finalmente, que "*o sucesso obtido na promoção de ciência deveria ser tido em consideração na avaliação de futuras candidaturas*" (Bettencourt-Dias *et al.*, 2004: 91). Na introdução ao número 6 da revista de *Comunicação e Sociedade* da Universidade do Minho, as investigadoras Anabela Carvalho e Rosa Cabecinhas notam, entretanto, a emergência de aspectos como o "*carácter estratégico da mediatização como forma de promoção social*" da ciência e dos cientistas, "*o aumento da participação de agentes económicos privados nalguns campos de investigação*" e "*a profissionalização da comunicação da ciência*" (2004: 8). E se é certo que, como refere na mesma obra, a também socióloga da Universidade do Minho, Carmen Diego Gonçalves,

³ No resumo introdutório da sua tese de doutoramento, intitulada *A Comunicação Organizacional e os Fenómenos de Identidade* (2008), a investigadora da Universidade do Minho, Teresa Ruão, explicita este processo em termos muito claros: "*as universidades públicas nacionais parecem ter entrado no 'negócio da comunicação', que procura controlar, entre outras coisas, as representações de identidade produzidas no seu interior e no exterior. Tal significou uma grande mudança, pois estas instituições evoluíram de formatos de comunicação de elite (característicos das organizações de princípios do século XX) para modelos de comunicação de massa (desenvolvidos nos anos 80 e 90) e sistemas de comunicação estratégica (já no novo século), desenvolvendo pressupostos de articulação política e tática de todas as mensagens, meios e públicos. Embora os primeiros ensaios na utilização de uma comunicação estratégica tenham sido marcados por estilos incoerentes, identidades fragmentadas, personalidades conflituosas e fragilidades internas*" (Ruão, 2008: vi).

"as estratégias delineadas por referência a 'interesses imediatos' (...), possam ser consideradas como tendo um impacto parcial no normal funcionamento do campo" (2004: 15), para a autora não é igualmente de excluir "a ideia de que os investimentos dos cientistas no campo se organizam em função de uma antecipação de previsões (...) sobre as possibilidades médias de obtenção de sucesso" (2004: 31).

O campo científico contemporâneo está, pois, confrontado com uma *retórica dos resultados* que, não poucas vezes, se pode sobrepor ao método, passando a representar "a actividade científica pelos seus produtos", reduzindo "os processos científicos à obtenção finalista e cumulativa de resultados" e isolando "exclusivamente como resultados aqueles que são avaliados a posteriori como êxitos de aplicação" (Cascais, 2004: 136-137). Uma instabilização do campo científico que atinge um ponto tal, que a Universidade se vê forçada "a funcionar sobre eixos de sentido que não são os seus, fazendo da esquizofrenia o seu estado permanente" (Martins, 2011: 146).

Diríamos tratar-se, enfim, de uma *escalada de imparidades*. Agudizada pelos modos de operação do próprio espaço público mediático que, como investigámos em ocasião anterior, são geradores de *rarefação* (Lopes & Loureiro, 2011: 43-57). Isto é, são geradores de *imparidades* que se acumulam. Como vimos no ponto anterior, o acesso ao espaço público virtual que os *media* configuram por um efeito de substituição representacional, está limitado, desde logo, aos *poucos* que se revelam portadores de competências comunicacionais. O *reconhecimento* angariado *inter pares*, ou seja, obtido no seio do campo científico, torna-se, assim, um mero factor adicional, podendo mesmo deixar de ter qualquer importância nas condições efectivas em que se joga o acesso dos cientistas ao campo comunicacional. A inversa, contudo, pode vir a revelar-se decisiva: o *capital simbólico* obtido através da reiterada presença dos académicos, que aí devêm *especialistas*, no espaço público mediático, pode ser revertido, desde logo, em maior facilidade de acesso a financiamentos e patrocínios da instituição que representam, e dos grupos ou laboratórios a que pertencem, ou seja, num mais fácil e imediato reconhecimento individual ou institucional por parte dos *ímpares*, que poderá ser incorporado nos processos de legitimação de uma espúria *retórica dos resultados*. E é aí que, como sabemos, Bourdieu coloca o acento de uma *ciência tornada perigosa*.

3- Caminhos metodológicos

Para avaliar a vertente explicativa da informação televisiva, detemo-nos de forma particular num determinado perfil de convidados dos *plateaux*: os académicos, um grupo que, nos últimos anos, tem vindo a conquistar algum espaço de visibilidade nos estúdios de TV. São eles que concentram aqui a nossa atenção, sendo analisados através das seguintes variáveis:

- Lugar de Origem

- Sexo
- Mote do convite
- Ligação ao tema do programa
- Ligação ao programa

Os canais alvo da nossa análise são os generalistas – RTP1, SIC e TVI - e os temáticos de informação – SIC Notícias, RTP Informação e TVI 24. O estudo dos respectivos *plateaux* de informação recaiu numa franja precisa, a do horário nobre⁴ (entre as 18h00 e as 01h00), e num determinado período de tempo: de Setembro de 2011 a Fevereiro de 2012. Por apresentar uma oferta televisiva diferenciada, o fim-de-semana foi excluído do nosso estudo.

Deste modo, este trabalho comporta a análise de 716 programas⁵ que contaram com a presença de 1292 convidados em estúdio, distribuídos pelos seis canais de televisão estudados. Deste universo, destacamos, como já foi sublinhado, um grupo especial, o dos académicos, constituído por 150 elementos. Este conjunto de personalidades formado por professores e investigadores vai-se aproximando das elites com mais acesso à palavra televisiva, ou seja, os jornalistas e os políticos.

Quem são estes académicos, de que universidades ou institutos vêm, a que áreas pertencem e que ligação estabelecem com o programa em que participam? Eis as perguntas que norteiam o nosso trabalho.

4- Quando a explicação nos *plateaux* da TV se faz com os académicos de Lisboa

Como diversos estudos já têm sublinhado, os jornalistas e os políticos são aqueles que mais acedem aos *plateaux* de informação para explicar a actualidade noticiosa. No entanto, há um terceiro grupo que começa a conquistar alguma visibilidade entre os mais convidados para os estúdios de informação. São os académicos.

Ao analisarmos os 1292 convidados chamados a comentar os vários aspectos da actualidade informativa entre Setembro de 2011 e Fevereiro de 2012, constata-se que os jornalistas continuam a ser a classe dominante com 353 representantes (27,3%), seguindo-se os políticos com 294 (22,8%) e os académicos com 150 (11,60%). Em relação à distribuição dos convidados académicos pelos canais em estudo, verifica-se que este grupo ganha mais espaço, ao nível dos generalistas, na RTP1 e, ao nível dos temáticos, na SIC Notícias.

⁴ A este estudo foram ainda submetidos a análise os fóruns de informação dos canais temáticos, espaço por excelência de participação do telespectador.

⁵ Estes programas estão distribuídos da seguinte forma pelos diferentes canais:

*RTP1 = 76 (8,9%); SIC = 30 (3,5%); TVI = 30 (3,5%)

* RTP Informação = 182 (21,2%); SIC Notícias = 311 (36,3%); TVI 24 = 228 (26,6%)

**Tabela 1: Convidados mais solicitados para os *plateaux* informativos
(Setembro de 2011 a Fevereiro de 2012)**

	RTP1	SIC	TVI	RTP Informação	SIC Notícias	TVI 24	Total	Percentagens
Jornalistas	4	10	3	123	80	133	353	27,4
Académicos	7	0	0	47	52	44	150	11,6
Políticos	12	0	3	86	110	83	294	22,8
Outros	30	5	5	200	90	165	495	38,2
Total	53	15	11	456	332	425	1292	100

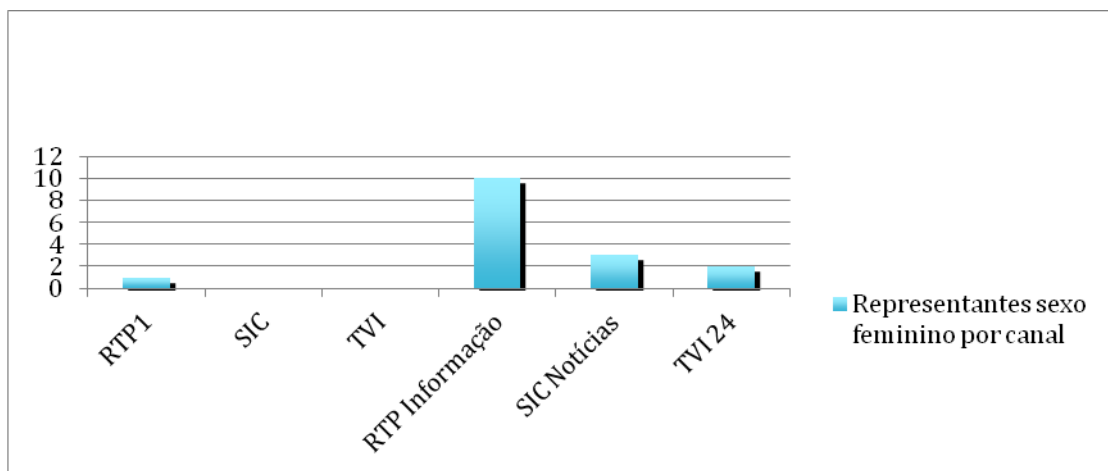
Quando procuramos situar em que altura do ano houve mais académicos nos *plateaux* informativos nacionais, encontramos o mês de Outubro como o tempo mais propício à entrada de universitários nos estúdios de TV. O acompanhamento informativo da morte do general Khadafi, (a 20 de Outubro de 2011) motivou vários especiais de informação que contaram com a presença de especialistas em Relações Internacionais e em Ciências Sociais, o que contribuiu para a subida do número de académicos nos estúdios televisivos dos seis canais submetidos a análise⁶.

**Tabela 2: Convidados mais solicitados para os *plateaux* informativos por canal e por mês
(Setembro de 2011 a Fevereiro de 2012)**

	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Total
RTP1	1	2	0	0	1	3	7
SIC	0	0	0	0	0	0	0
TVI	0	0	0	0	0	0	0
RTP Informação	8	9	7	8	8	7	47
SIC Notícias	8	15	10	8	4	7	52
TVI 24	9	7	11	10	4	3	44
Total	26	33	28	26	17	20	150

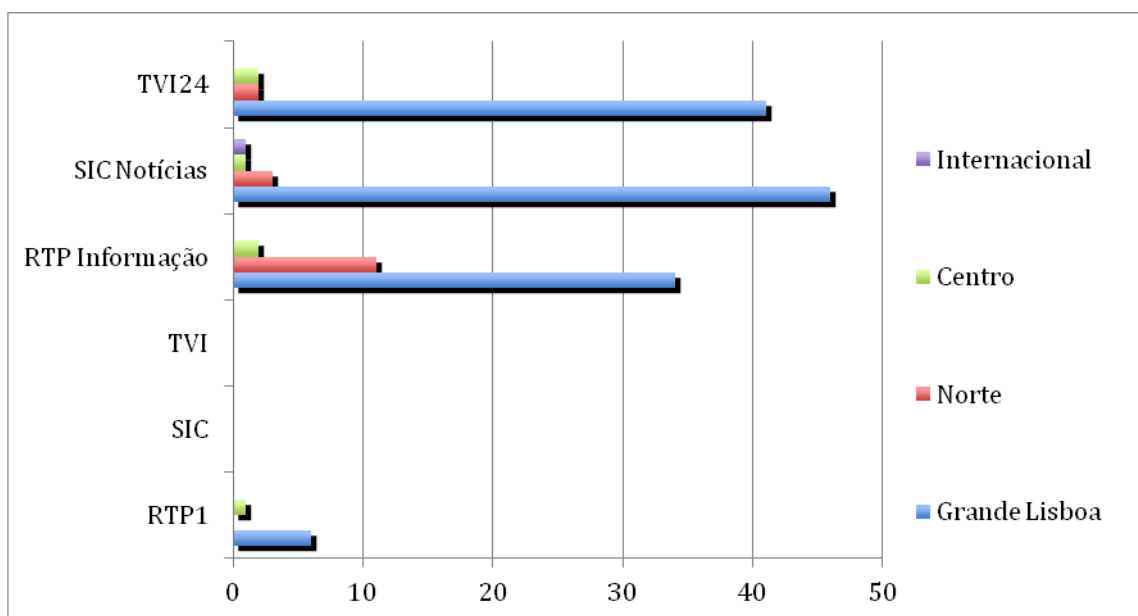
No que diz respeito ao sexo dos convidados oriundos da academia portuguesa, nota-se uma clara supremacia dos homens, apesar de existir um número expressivo de mulheres entre os professores universitários. De facto, dos 150 académicos presentes nos espaços informativos da televisão portuguesa, apenas 16 são mulheres, o que representa 10.6% do total dos convidados deste grupo profissional, um número bastante longe dos 134 convidados masculinos (89.4% dos convidados). O canal analisado que mais contribuiu para a presença de académicas nos seus espaços informativos foi a RTP Informação, que chamou 10 convidadas, algo inexpressivo ainda.

⁶ Bernardo Pires de Lima, Carlos Gaspar e Cristina Montalvão Sarmento, da Universidade Nova de Lisboa; Dias Farinha, da Universidade de Lisboa; Raquel Vaz Pinto, da Universidade Católica de Lisboa; e Nuno Rogeiro, do Instituto Euro-Atlântico, foram os académicos interpelados para analisar a captura e morte do chefe máximo da Líbia bem como as consequências disso para a política internacional.

Gráfico 1: Representação dos convidados académicos do sexo feminino por canal

Em relação à origem geográfica dos convidados que representam as universidades portuguesas, a maioria é proveniente da Grande Lisboa, que soma 127 presenças em estúdio, ou seja, 84.6% dos convidados universitários. O Norte ganha voz através da presença de 16 convidados (10.6%), o Centro é representado por seis professores/investigadores (4%). No *corpus* aqui apresentado regista-se a presença de um académico internacional, José Gustavo Franco, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, no Brasil.

Ao analisar a presença dos convidados académicos por cada um dos seis canais estudados, verifica-se que a RTP Informação é, a este nível, a mais equilibrada. O canal de notícias do serviço público contou com a presença de 34 académicos de Lisboa, 11 do Norte e dois do Centro. Por sua vez, a SIC Notícias chamou 46 académicos da capital, apenas três do Norte, um do Centro e um Internacional. A TVI 24 teve em estúdio 41 académicos da Grande Lisboa, dois do Norte e dois do Centro. Finalmente, a RTP1 apresentou seis convidados provenientes de Lisboa e um do Centro.

Gráfico 2: Representação geográfica dos convidados académicos por canal

Mais do que saber a zona do país donde são oriundos os académicos, importa conhecer quais as universidades que representam. Olhando para a Tabela 3, constata-se que, entre Setembro de 2011 e Fevereiro de 2012, a Universidade Nova de Lisboa foi a mais representada, somando 33 presenças nos estúdios informativos, seguindo-se a Universidade Técnica de Lisboa com 31 convidados e a Universidade de Lisboa com 24. Compreende-se que as academias situadas na capital tenham mais facilidade em aceder aos *plateaux* informativos pela proximidade que têm aos canais de televisão, mas parece algo excessivo o desequilíbrio entre as universidades da capital e as que se situam noutros pontos do país. Longe da área da Grande Lisboa, apenas ganham alguma visibilidade a Universidade do Porto, com seis académicos; a Universidade do Minho com cinco presenças; e a Universidade de Coimbra com quatro.

Tabela 3: Instituições dos académicos com mais de cinco presenças nos *plateaux* de informação

Universidades e Centros de Investigação	RTP1	SIC	TVI	RTP Informação	SIC Notícias	TVI 24	Total
Universidade Nova de Lisboa	1	0	0	8	8	16	33
Universidade Técnica de Lisboa	4	0	0	9	13	6	32
Universidade de Lisboa	0	0	0	6	8	10	24
Instituto Universitário de Lisboa	0	0	0	7	8	0	15
Universidade Católica de Lisboa	0	0	0	1	5	2	8
Universidade do Porto	0	0	0	3	1	2	6
Universidade do Minho	0	0	0	5	0	0	5

Quando se pretende conhecer o mote que leva determinada personalidade a estúdio, ou seja, quando se procura saber se a solicitação resulta do facto de estar ali um protagonista dos acontecimentos ou se o convite assenta na indagação de explicações adicionais sobre a actualidade que se quer perceber, verifica-se que nenhum dos convites feitos a académicos se fez por um deles ser actor de determinado evento. Procura-se, acima de tudo, uma análise distanciada de quem tem um saber especializado. Dos 150 académicos presentes nas emissões informativas estudadas, nenhum apresenta uma ligação directa ao tema para o qual foi convidado a falar. Quando se procura saber se a área de especialização do convidado se relaciona com o tema em discussão, constata-se que todos apresentam uma ligação ao tema, fruto da sua experiência enquanto docentes ou investigadores do assunto em questão.

Outro dos pontos em análise relaciona-se com a ligação que os convidados têm ao programa em que participam. A este nível, pretende-se saber se é um convidado residente de determinado formato ou apenas um convidado esporádico de uma emissão. Ora, aqui os resultados demonstram que apenas em 16 dos casos os académicos participam como residentes dos programas. A maior parte das presenças faz-se de forma pontual.

Tabela 4: Académicos com o estatuto de convidados-residentes

Canal	Emissão	Convidados	Instituição
RTP Informação	Mais Valias	António Mendonça	Universidade Técnica de Lisboa
RTP Informação	Ordem do Dia	Joana Amaral Dias	Instituto Superior de Psicologia Aplicada
RTP Informação	24 Horas	Joaquim Fidalgo	Universidade do Minho
TVI 24	Contas à Vida	Jorge Braga de Macedo	Universidade Nova de Lisboa
TVI 24	Política Mesmo	Augusto Santos Silva	Universidade do Porto

Neste trabalho, analisaram-se também os campos do saber destacados. Olhando para a Tabela 5, constata-se que as áreas da economia (59 convidados, ou seja, 39,3% dos convidados) e das ciências sociais (34 convidados, ou seja, 22,6% dos convidados) são as mais solicitadas, em contraponto, por exemplo, com as engenharias. O facto de o alinhamento informativo ter sido preenchido, ao longo dos últimos seis meses, com assuntos relacionados com a situação económica em Portugal justificará certamente o domínio destes especialistas. Normalmente, estes convidados caracterizam-se por serem hábeis em colocar os números em discussão, são desembaraçados no verbo e, em alguns casos, estão habituados aos ritmos da televisão. São, por isso, opções certas para quem coordena uma emissão, que encontra junto deste grupo a garantia de uma explicação coerente e ritmada e junto das audiências uma fidelização facilitada.

Tabela 5: Áreas de especialização dos convidados académicos

Área de especialização	RTP1	SIC	TVI	RTP Informação	SIC Notícias	TVI 24	Total
Ciências Sociais	0	0	0	9	16	9	34
Ciências Políticas	1	0	0	0	5	4	10
Relações Internacionais	0	0	0	1	1	7	9
Estudos Culturais	0	0	0	1	0	0	1
Direito	0	0	0	1	5	5	11
Educação	0	0	0	1	0	1	2
Geografia	0	0	0	0	1	0	1
Economia e Gestão	3	0	0	19	22	15	59
Psicologia	0	0	0	6	0	1	7
Ciências da Saúde	1	0	0	3	2	1	7
Química	1	0	0	0	0	0	1
Matemática	0	0	0	0	0	1	1
Engenharia	1	0	0	3	0	0	4
Astronomia	0	0	0	1	0	0	1
Desporto	0	0	0	2	0	0	2
Total	7	0	0	47	52	44	150

Embora o número de académicos se venha pautando por um certo crescimento quantitativo, os números apresentados não significam uma diversidade de nomes. Pelo contrário. Uma percentagem significativa deste grupo caracteriza-se por uma repetição assinalável nos estúdios de informação, constituindo assim uma espécie de confraria com lugar cativo nos estúdios televisivos, mas que nem sempre correspondem aos especialistas mais conceituados na academia portuguesa. É comum a presença dos mesmos nomes em diferentes programas do mesmo canal, em canais diferentes, e em certos casos, em edições do mesmo formato para debater diferentes assuntos.

Tabela 6: Académicos repetentes em emissões de informação

Académico	Instituição	Número de repetições em estúdio
Joana Amaral Dias	Instituto Superior de Psicologia Aplicada	6
Cantiga Esteves	Universidade Técnica de Lisboa	5
António Costa Pinto	Universidade de Lisboa	4
António Mendonça	Universidade Técnica de Lisboa	4
Manuel Villaverde Cabral	Universidade de Lisboa	4
Pedro Adão e Silva	Instituto Universitário de Lisboa	4
Miguel Beleza	Universidade Nova de Lisboa	3
António Dias Farinha	Universidade de Lisboa	3
João Duque	Universidade Técnica de Lisboa	3
Joaquim Fidalgo	Universidade do Minho	3
Jorge Braga Macedo	Universidade Nova de Lisboa	3
José Adelino Maltez	Universidade Técnica de Lisboa	3
José Ferreira Machado	Universidade Nova de Lisboa	3
Pedro Lains	Universidade de Lisboa	3
João Confraria	Universidade Católica de Lisboa	3
João Salgueiro	Universidade Nova de Lisboa	3
Luis Nazaré	Universidade Técnica de Lisboa	3

Notas finais

A tarefa analítica, que aqui se ensaia, de cruzar a *academia* com o *espaço público mediático*, deve assumir, *abinitio*, a sua incompletude: como se pode constatar da leitura dos dados obtidos, não é possível atingir, com uma mera amostragem de presenças de académicos nos *plateaux* televisivos, a noção de um espaço público, mesmo o de um espaço público circunscrito ao campo científico. Não é, numa boa parte dos casos, o *fazer-ciência* das diversas academias que se reflecte nos *plateaux* televisivos, mas muito mais o *reconhecimento*, por parte dos *media*, de um capital simbólico já acumulado pelo convidado, simultaneamente, como *especialista* e *comunicador*. Daí a relativamente usual repetição de presenças que, no limite, transforma o académico em convidado-residente de programas. Ou seja, os *plateaux* de convidados das estações de televisão constituem-se, apenas, como amostra consumada do efeito de *rarefacção* que o modo de operação dos *media* introduz no espaço público (Lopes & Loureiro, 2011: 43-47). Teremos, pois, de assentar num primeiro ponto analítico a constatação de que não será através de uma mera análise de composição dos *plateaux* televisivos que estaremos autorizados a fazer inferências relativamente à representação do campo científico nas estações de televisão e, aí, da elaboração mediatizada de um *espaço público científico*. No máximo, podemos daqui inferir, precisamente, o oposto: aos *plateaux* televisivos portugueses dificilmente chegará o *fazer-ciência* concreto. Os que chegam são

alguns dos seus actores, o que não significa que o consigam por um efeito de reconhecimento *inter pares* mas, antes, por um efeito de verdadeiras *imparidades*: porque já adquiriram suficiente capital simbólico em zonas exteriores ao campo científico. Zonas mais limítrofes, como o campo institucional-académico, ou zonas mais afastadas, como o campo comunicacional.

Assim sendo, a nossa análise da amostra tratada deve situar-se muito mais sobre essas zonas. E aí encontramos, desde logo, o campo institucional, que é também o campo *representado* pelos académicos convidados das emissões televisivas. Este aspecto parece-nos fulcral, porque é nele que se estabelece uma diferença decisiva: o capital simbólico do *especialista-comunicador* pode ser reflexo não apenas de um adquirido individual, mas de uma relação de representação institucional que implica, desde logo, o reconhecimento de um capital simbólico no seio do campo institucional, que a presença nos *plateaux* faz reverter, pelo menos em parte, para a própria instituição. Ao verificar-se a presença, esta significará também um potencial ganho de capital simbólico da própria instituição representada. Daí que a análise tenha de ser realizada, antes de mais, sobre a noção do campo institucional representado. Porque se observamos óbvios ganhos de capital simbólico individual no seio do campo académico (e, consequentemente, no seio do campo científico originário), não podemos de modo algum esquecer o efeito aditivo que esse ganho assume, ao reverter como visibilidade acrescida para o campo institucional, por repetição de presenças de vários representantes seus em diversas situações mediáticas. Emerge, na análise destes aspectos, o facto de se identificar no presente estudo uma grande centralização de convidados representantes das principais universidades de Lisboa e, a grande distância, convidados de outras universidades como a do Porto, a do Minho ou a de Coimbra. Este é um aspecto analítico que não pode ser dissociado, como referimos, da existência de *factores de proximidade geográfica* ao centro de decisão editorial das estações televisivas. Apenas na RTP se percebe uma divergência que confirma, precisamente, esta inferência, dado que é a única estação de televisão que, em Portugal, possui, além de Lisboa, outro centro de decisão editorial, situado no Porto.

BIBLIOGRAFIA:

BETTENCOURT-DIAS, M.; COUTINHO, A. G. & ARAÚJO, S. J. (2004). "*Strategies to promote science communication: organization and evaluation os a workshop to improve the communication between Portuguese researchers, the media and the public*". In *Revista de Comunicação e Sociedade– Comunicação da Ciência*, nº 6, Porto : Campo das Letras.

BOURDIEU, P. (1994). *Raisons pratiques – Sur la théorie de l'action*. Paris : Editions du Seuil.

BOURDIEU, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta.

BOURDIEU, P. (2008). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.

CARVALHO, Anabela & CABECINHAS, Rosa (2004). *Nota de Abertura*. In *Revista de Comunicação e Sociedade– Comunicação da Ciência*, nº 6, Porto : Campo das Letras.

CASCAIS, f. (2004). "A retórica dos resultados na comunicação da ciência". In *Revista de Comunicação e Sociedade– Comunicação da Ciência*, nº 6, Porto : Campo das Letras.

CHARAUDEAU, P. (1997). "Les conditions d'une typologie des genres télévisuels d'information". "Réseaux", nº 81.

CONUTT, H. (2009). "A Fan Crashing the Party: Exploring Reality-celebrity in MTV's Real World Franchise". "Television New Media", vol. 10, nº3.

DEUZE, M. (2006). "Liquid and zombie Journalism (Studies)". ICA Journalism

Studies Interest Group Newsletter: Debate..

FOUCAULT, M. (2005). *A Arqueologia do Saber*. Coimbra: Edições Almedina.

GIL, José (2005). Portugal, Hoje. O Medo de Existir. Relógio d' Água.

GONÇALVES, C. D. (2004). "Cientistas e leigos: uma questão de comunicação e cultura". In *Revista de Comunicação e Sociedade– Comunicação da Ciência*, nº 6, Porto : Campo das Letras.

HABERMAS, J. (1997). *Direito e Democracia – Entre facticidade e validade*. Vol. II, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

HODGETTS, D.; CHAMBERLAIN, K.; SCAMMELL, M.; KARAPU, R. & NIKORA, L. W. (2008). "Constructing Health News: Possibilities for a Civic-Oriented Journalism". *Health*, 12, 1.

INNERARITY, Daniel (2006). *O Novo Espaço Público*. Teorema.

LOPES, F. & LOUREIRO, L. M. (2011). "Quando as elites da capital dominam o que se diz sobre o país e o mundo". In LOPES, Felisbela (org.), *A TV dos Jornalistas*, edição electrónica, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Consultado *online* a 23/03/2012:
http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/tv_jornalistas/index

MARTINS, M. I. (2011). *Crise no Castelo da Cultura – Das Estrelas para os Ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor

MCALLISTER, M. (1992) 'AIDS, Medicalization and the News Media'. In T. Edgar *et al.*, *A Communication Perspective*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

MORENO ESPINOSA, P. (2010). "Periodismo biomédico, nuevos contenidos mediáticos". *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 319.

PASTOR, LL (2011). *Periodismo zombi en la era de las audiencias participativas*. Col Acta Salmanticensia.

RUÃO, T. (2008). *A Comunicação Organizacional e os Fenómenos de Identidade – A aventura comunicativa da formação da Universidade do Minho, 1974-2006*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Braga: Universidade do Minho. Consultado *online* em 23/03/2012:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8841/1/tese%20final.pdf>

Tanner, A.H. (2004) 'Agenda Building, Source Selection, and Health News at Local

Television Stations. A Nationwide Survey of Local Television Health Reporters'. *ScienceCommunication*, 25(4).

Weaver, P. (1993). "As notícias do jornal e as notícias da televisão". In Nelson Traquina (ed) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Veja.